

A ESPERANÇA ENQUANTO CATALISADORA DA AÇÃO POLÍTICA

HOPE AS A CATALYST FOR POLITICAL ACTION

Felipe Rocha de Carvalho*

Resumo

Esta resenha tem por objetivo discutir os principais temas abordados por Rosana Pinheiro-Machado em sua última obra, “Amanhã vai ser maior”, bem como contextualizá-la em relação a outros trabalhos contemporâneos. Tendo sido escrito no ápice da ascensão do governo de extrema direita no Brasil, o texto analisa fenômenos sociais e políticos ocorridos na sociedade brasileira entre 2013 e 2018 – como as Jornadas de Junho, os “rolezinhos” e a paralisação dos caminhoneiros – por meio de uma visão abrangente e aprofundada, que busca desmistificar a ideia de movimentos sociais enquanto entidades unidimensionais de pensamento e ação. Nesse sentido, o livro, dividido em três partes principais, consiste em uma importante contribuição para a compreensão da conjuntura atual no Brasil, além de proporcionar reflexões necessárias para a reorganização e mobilização política do campo progressista. Ao mesclar elementos de sua pesquisa de campo com análises de acontecimentos mais recentes, a autora realiza um diálogo necessário entre as diferentes áreas das Ciências Sociais, utilizando o conceito de “esperança” enquanto uma força catalisadora da ação política

Palavras-chave: Bolsonarismo. Extrema direita. Movimentos sociais. Esperança.

Abstract

This review has as its goal to discuss the main themes brought by Rosana Pinheiro-Machado in her latest work, titled “Amanhã vai ser maior”, as well as to contextualize it in relation to other contemporary works. Written during the apex of the far right government rise in Brazil, the text analyzes social and political phenomena that took place in Brazilian society between 2013 and 2018 – such as the *Jornadas de Junho*, the *rolezinhos* and the truck drivers’ strike – through an in-depth vision that seeks to demystify the idea that social movements are unidimensional entities of thought and action. In that sense, the book, which is divided into three main parts, is an important contribution towards the understanding of the current scenario in Brazil, besides providing necessary reflections for the reorganization and mobilization of the progressive political sector. By mixing elements of her field work with analyses of more recent events, the author accomplishes a well-needed dialogue among different areas of the social sciences, as well as uses the concept of “hope” as a catalyst force for political action.

Keywords: Bolsonarismo. Far right. Social movements. Hope.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior:** o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

Em “Amanhã vai ser maior”, uma obra composta por ensaios inéditos e versões atualizadas de textos escritos entre 2013 e 2018, Rosana Pinheiro-Machado analisa os acontecimentos políticos no Brasil desde as “Jornadas de Junho de 2013”, provendo uma visão crítica e não maniqueísta acerca dos desdobramentos de manifestações políticas e atos de ação coletiva que

* Doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: feliperochacarvalho@gmail.com

emergiram na última década. Repleto de relatos pessoais, oriundos de um extenso trabalho de pesquisa nas periferias de Porto Alegre e São Paulo, o livro é dividido em três atos – além de um prelúdio e uma conclusão, que recebe o título de réquiem –, que culminam na defesa da ideia de esperança enquanto alternativa de ação política.

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pinheiro-Machado dedicou grande parte de seus trabalhos a temas como desenvolvimento internacional, pirataria, informalidade e consumo, especialmente no Brasil e na China. Entretanto, em “Amanhã vai ser maior”, a antropóloga se insere em um debate mais amplo das Ciências Sociais, especialmente ao utilizar o conceito de esperança para analisar a conjuntura política brasileira. Abordagens semelhantes podem ser encontradas, por exemplo, no livro de Ernst Bloch, “O princípio esperança” (2005), em que o autor rejeita a noção de utopia enquanto fantasia, mas defende que ela é, na realidade, necessária para a reestruturação da sociedade. De modo semelhante, em “*Restoring hope*” (1999), Cornel West contesta a equiparação da esperança ao otimismo, visto que a primeira seria baseada em uma visão compartilhada e organizada acerca do futuro.

Em consonância com o argumento de Castells (2017) sobre movimentos oriundos de insatisfação social, a autora retrata as revoltas antissistêmicas como fenômenos com um fim em si mesmos, o que vai de encontro à percepção de que a falta de uma pauta ou demanda específica dificultaria sua compreensão. No caso brasileiro, são elencados três momentos principais: a “Revolta dos 20 Centavos”, a “Revolta do Rolê” e a “Revolta da Caçamba”. Especialmente no primeiro exemplo, quando grande parte dos manifestantes havia sido beneficiada pelo processo de inclusão pelo consumo ocorrido durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), é observada nos resultados uma simultaneidade de coesão e cisão da ordem social e política.

É importante destacar a rejeição da interpretação das “Jornadas de Junho de 2013” como razão direta do golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016, bem como da escalada da extrema direita no país. Ao invés disso, as Jornadas são vistas como um processo construído ao longo de várias semanas, o qual possuiu semelhanças com outros movimentos surgidos no início do século XX e que também eram caracterizados por demandas como a redução das tarifas do transporte público. Dessa maneira, “[...] todos os grandes temas presentes em Junho de 2013 eram, sobretudo, lutas contra pautas que hoje são legitimadas pela extrema-direita que está no poder” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 38). Entretanto, o caráter apartidário das manifestações foi capitalizado por parcelas da elite nacional, principalmente no que diz respeito à moralização do combate à corrupção.

De modo semelhante, os “rolezinhos”, ocorridos entre 2013 e 2014, também geravam incerteza sobre a presença ou não de uma motivação política. Quanto a isso, a autora chama a atenção para o fato de o movimento poder assumir, ao mesmo tempo, uma forma de contestação política – observada na reivindicação do direito de ocupação dos espaços, por exemplo – e de desejo por um consumo capitalista. Nesse sentido, o fenômeno pode ser enquadrado no

conceito de “revoltas ambíguas”, isto é, movimentos surgidos após a flexibilização e desagregação das relações trabalhistas pelo neoliberalismo e caracterizados pela alteração da esfera de politização dos indivíduos do trabalho para um ambiente descentralizado, como o das redes sociais. Justamente em virtude de tais características, a classificação do “rolezinho” enquanto de esquerda ou de direita se torna inviável, uma vez que se tratava de uma expressão de insatisfação sem uma forma completamente definida.

O mesmo argumento é empregado na análise da “Revolta da Caçamba”, paralisação dos caminhoneiros que aconteceu em maio de 2018. Declarações dadas por motoristas entrevistados demonstraram que não havia um alinhamento claro a um lado ou outro do espectro político, mas um descontentamento generalizado em relação às elites no poder. Embora o ponto de partida do movimento tenha sido o aumento do preço do combustível, a paralisação também era reflexo da diminuição da qualidade de vida gerada pela redução do poder de compra desses trabalhadores. Pedidos de intervenção militar, observados em alguns contextos, não são vistos como um anseio pela volta da ditadura, mas sim como uma solução temporária para a falta de confiança nos políticos que estavam no poder.

Ainda nesta seção, Pinheiro-Machado antecipou uma possível paralisação de motoristas e entregadores de aplicativos, a qual viria a ocorrer no dia 01 de julho de 2020. Embora o chamado “Breque dos Apps” tenha contado com a participação de grupos organizados à esquerda, como o Movimento de Entregadores Antifascistas (MEAF), a mobilização se deu largamente por parte de trabalhadores sem associação a sindicatos, os quais se organizaram por meio das redes sociais (PINHEIRO-MACHADO, 2020). Mesmo que o caráter individualista da “uberização” tenda a aproximar esses entregadores dos ideais de direita, setores progressistas não deveriam deixar de disputar tais espaços de natureza plural e não homogênea dos trabalhadores precarizados.

No primeiro ato do livro, intitulado “O avanço da direita”, a autora busca identificar a lógica do pensamento fascista brasileiro, o qual possuiria características como a defesa da violência policial, um expressivo movimento religioso e uma elite que defende o liberalismo no intuito de proteger seus próprios privilégios. Nesse contexto, ao passo que outros movimentos de extrema direita buscam a exaltação da pátria por meio de um nacionalismo exacerbado, o caso brasileiro tem como maior exemplo e inspiração o atual governo estadunidense. Além disso, a elite intelectual liberal e progressista também se torna alvo de perseguição, sob a classificação genérica de “comunista”.

Aliada à essa discussão, há a ideia de que está em andamento uma disputa maior – e a nível global – pela construção de novos discursos, baseados em uma nova interpretação da sociedade contemporânea. Geralmente, o discurso da extrema direita vem acompanhado de uma agenda econômica que culpa fenômenos como a globalização e as novas ondas migratórias pelas crises enfrentadas por governos nesse âmbito. Para o campo progressista, a guerra pelos espaços e fontes de conhecimentos deveria servir como alerta para a reorganização de pautas e o início de ações que não estejam baseadas apenas na reação ao revisionismo histórico e científico.

O segundo ato, “O recuo da esquerda”, inicia com a problematização do modelo de políticas públicas adotado pelos governos do PT. Na análise de Pinheiro-Machado, ainda que a importância dos avanços sociais seja inegável, a permanência de um regime macroeconômico essencialmente neoliberal acarretou a redução da provisão de bens públicos. Isso, por sua vez, deixaria clara a relação entre a inclusão pelo consumo e o enfraquecimento democrático, o que não invalida o impacto gerado na autopercepção de indivíduos de baixa renda após a possibilidade de acesso a produtos antes inacessíveis. No mesmo contexto, era gerado um incômodo nas elites econômicas tradicionais, as quais viam como iminente o rompimento das relações servis ainda presentes na sociedade brasileira.

Em um tom incisivo, o texto defende que, embora a virada conservadora no Brasil seja fruto de uma articulação entre elites políticas e econômicas iniciada ainda em 2014, os moldes nos quais se deu a inclusão pelo consumo por parte dos governos do PT não alteraram a estrutura da desigualdade social no país. A falta de uma comunicação mais direta com moradores das periferias e de propostas concretas para a solução de seus problemas cotidianos acabou por afastar ainda mais tais cidadãos de um setor político progressista que esperava uma espécie de fidelidade partidária. Pautas como segurança pública e corrupção, que muitas vezes não ocupam o centro das discussões da esquerda, se tornaram cada vez mais importantes para o brasileiro médio, gerando uma desconfiança geral em relação aos políticos como um todo.

Chamar o trabalhador pobre que votou em Bolsonaro de fascista e coxinha não ajuda em nada nessa batalha ideológica que estamos perdendo feio. Agindo assim, apenas afastamos essas pessoas de nós e as jogamos ainda mais para a direita, que, por sua vez, as recebe de braços abertos, sem nenhum pré-requisito (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 128).

A antropóloga inicia o terceiro e último ato do livro, batizado de “Bolsonarismo”, com uma breve retomada acerca da construção da imagem de Bolsonaro como uma figura política infame. Nos moldes de figuras estadunidenses, como Donald Trump e Jesse Ventura, houve uma capitalização política por meio da conexão com uma parcela da população que rejeitava as elites intelectuais. Mesmo que não concordassem por completo com as declarações polêmicas feitas por Bolsonaro em suas aparições em programas de televisão, essas pessoas viam no deputado alguém com comportamento semelhante ao de algum familiar ou amigo próximo. Após 2013, a divulgação de vídeos curtos e *memes* possibilitou – de forma majoritariamente orgânica – a consolidação de sua imagem enquanto “herói antiesquerda” sob a alcunha de “Bolsomito”.

Ademais, é realizada uma distinção essencial entre o sentimento fascista em escalada no Brasil e aquele típico do Hemisfério Norte: no caso brasileiro, o inimigo não é externo, mas sim personificado na figura do “vagabundo”. Presente há muito tempo no imaginário nacional, tal inimigo é o antagonista dos princípios e valores morais cristãos, além de desfrutar de privilégios e benefícios que não são oriundos de seu esforço e dedicação. De forma semelhante ao que

argumenta Ricoeur (2017), a classificação de vagabundo é imputada apenas ao outro, sem que haja jamais uma identificação entre nós e eles. Para o bolsonarismo, o conceito se materializa em grupos como ativistas, povos indígenas e LGBTQI+s, cuja vida não teria o mesmo valor do que aquela dos “cidadãos de bem”.

Cabe ressaltar, ainda, a diferenciação entre os eleitores de Bolsonaro nas eleições de 2018. Inicialmente, há dois extremos identificáveis: uma elite econômica que optou conscientemente pelo projeto autoritário como uma forma de garantir seus privilégios já existentes; e pessoas de baixa renda e baixo capital educacional que, apesar de terem o voto influenciado pela igreja ou por familiares, possuem uma descrença generalizada na classe política. Segundo a autora, é entre os dois extremos, onde está grande parte da população brasileira, que se encontram dois grupos chamados de A e B. No grupo A, estão trabalhadores precarizados, frustrados com sua situação econômica e com a degradação do sistema político. No grupo B, estariam os eleitores fanáticos, que culpam esquerdistas, feministas e LGBTQI+s por tudo que há de errado no país.

Para Pinheiro-Machado, um dos maiores desafios consiste em impedir que o espaço existente entre A e B diminua, o que tende a acontecer à medida em que aumenta a radicalização do cenário político. O projeto fascista tende a mobilizar a subjetividade de uma parcela da população, já frustrada, em direção ao projeto autoritário. Ao mesmo tempo que cada vez mais pessoas se sentem autorizadas a expressar – sem medo de responsabilização – pensamentos violentos, o campo progressista não pode perder de vista aquelas pessoas que ainda pertencem ao grupo A. Fora do terreno agressivo das redes sociais, onde raras vezes há espaço para diálogos produtivos, se torna cada vez mais necessária a política do olho no olho com indivíduos que, no fim das contas, sofrem diariamente as consequências de um sistema neoliberal predatório.

No “Réquiem da desesperança”, são analisados com otimismo alguns movimentos que surgiram ou ganharam força no mesmo período em que ocorreu a ascensão da extrema direita ao poder. Dentre esses, é destacada a “primavera feminista”, representada tanto em lideranças femininas nas ocupações secundaristas de 2016 quanto no movimento #EleNão, cuja mobilização teve repercussões para além das eleições presidenciais de 2018. Essa nova onda do feminismo possui uma origem mais orgânica do que as anteriores e, até certo ponto, a escalada reacionária também pode ser enxergada como uma reação a esse fenômeno. No caso do #EleNão, a organização, que começou como uma resposta às declarações machistas e misóginas de Bolsonaro, acabou englobando temas mais amplos, como a defesa da democracia e dos direitos humanos.

Ao concluir o livro, a autora enfatiza a proposta da obra em transformar a sensação de fracasso presente no campo progressista em mobilização e, assim, “fazer da esperança uma opção política” (PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 184). Embora inevitável, o sentimento de derrota se faz necessário para que haja uma reflexão profunda sobre os desdobramentos políticos dos últimos anos, no intuito de compreender suas raízes e elaborar alternativas possíveis. A ideia de “utopia concreta” é trazida no sentido de organizar a esperança em ações que vão além das

grandes marchas, mas que também encontram espaço na resistência diária de povos indígenas, quilombolas e movimentos camponeses, por exemplo. A ação deve partir não de um pressuposto individualista, mas de um pensamento que preze pelo coletivo.

O grande número de fenômenos políticos e sociais discutidos no livro, bem como os inúmeros relatos de pesquisa de campo, tornam difícil a missão de condensar a riqueza das análises feitas por Pinheiro-Machado em sua última obra. Ainda que resgate debates sobre movimentos anteriores, como as “Jornadas de Junho” e as ocupações secundaristas, é notável o esforço de pesquisa e reflexão acerca dos acontecimentos dos últimos dois anos no Brasil, os quais foram realizados quase em tempo real. Além disso, os argumentos trazidos no texto conversam frequentemente com trabalhos contemporâneos citados ao longo da obra. A importância de “Amanhã vai ser maior” reside justamente em sua proposição inicial: fomentar a mobilização e a busca de alternativas políticas no campo progressista, no intuito de encontrar respostas que ainda não estão dadas. Em vez de delinear o caminho exato a ser seguido, Rosana Pinheiro-Machado estimula os leitores a utilizar a sensação de impotência como catalisadora tanto da resistência quanto da ação.

A forma como a obra foi desenvolvida escapa de uma análise unidimensional sobre os acontecimentos dos últimos anos na sociedade brasileira e, ao fazê-lo, também encoraja a realização de novas pesquisas acerca de fenômenos como a precarização do trabalho e a disputa de memória relacionada às conquistas sociais dos governos de esquerda. Tanto em sua metodologia quanto em suas abordagens teóricas, a autora promove um diálogo necessário – e raramente encontrado – entre as três áreas das Ciências Sociais, o que possibilita uma compreensão mais abrangente sobre os temas trazidos durante o texto.

Referências

- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança** – Volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Os entregadores antifascistas querem apps solidários à causa. Por que é importante ouvi-los. **The Intercept Brasil**, 23 jun. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/06/23/entregadores-antifascistas-protestos/>>. Acesso em: 09 ago. 2020.
- RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. São Paulo: Autêntica, 2017.
- WEST, Cornel. **Restoring Hope: conversations on the future of Black America**. Boston: Beacon Press, 1999.

Recebido em: 20/08/2020

Aceito em: 24/09/2020